

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Ciência da informação, arquivologia e biblioteconomia: em busca do necessário diálogo entre o universo teórico e os fazeres profissionais.

José Augusto Chaves Guimarães

Como citar: GUIMARÃES, J. A. C. Ciência da informação, arquivologia e biblioteconomia: em busca do necessário diálogo entre o universo teórico e os fazeres profissionais. *In: Ensino e Pesquisa em Biblioteconomia no Brasil: a emergência de um novo olhar*. Marília: Ed FUNDEPE, 2008. p.33-44.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2008.978-85-98605-53-1>. p33-44.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Ciência da informação, arquivologia e biblioteconomia: em busca do necessário diálogo entre o universo teórico e os fazeres profissionais

José Augusto Chaves Guimarães

A Ciência da Informação, enquanto disciplina integrante do contexto das denominadas Ciências Sociais Aplicadas vem buscando, ao longo de sua trajetória, encontrar sua própria identidade – assim como seu estatuto científico - em grande medida impulsionada pelas demandas de uma sociedade pautada pelo avanço tecnológico e pela necessidade cada vez mais premente de dar conta de estoques informacionais complexos e diversificados como subsídio aos processos de desenvolvimento.

Nesse contexto, e sob um olhar histórico, há de se ter em conta que a Ciência da Informação, enquanto área de estudos, encontra fulcro em um conjunto de práticas que, no decorrer, ao longo do tempo, foram se consolidando, no mais das vezes ligadas a fazeres específicos contextualizados em ambiências específicas. Para tanto, especial destaque merecem a Diplomática e a Documentação.

A Diplomática, cujos estudos tiveram especial ênfase a partir do século XVII, quando Jean Mabillon publicou a obra *De re diplomatica*, dedicada ao estabelecimento de critérios que permitissem aquilatar a autenticidade de documentos oficiais, tem no documento (diploma) o seu objeto de estudo, centrando sua ênfase na documentação de valor jurídico-administrativo e, mais especificamente em sua análise estrutural para fins de prova. No entanto, foi mais especificamente a partir do século XIX, com a introdução dos estudos diplomáticos em Escolas Européias, que se desenvolveu em bases mais científicas, mas ainda muito ligada a outras disciplinas, tais como a História e o Direito.

Nesse contexto, especial menção merecem a tradição de pesquisa documental inaugurada pela École des Chartes, no século XIX e a posterior contribuição de teóricos como Tessier e Bautier.

A partir das décadas de 70 e 80, sob forte influência italiana, notadamente de Pratesi e de Carucci, a Diplomática assumiu uma nova dimensão no cenário científico, desvinculando-se do “binômio necessário” que até então desempenhava com a Paleografia para, indo além da mera condição de “ciência auxiliar da história”, ampliar seus horizontes na medida em

que, como destaca Bellotto (2004, p. 52), centrou-se mais efetivamente na gênese documental e nas atribuições, competências, funções e atividades da entidade geradora/acumuladora¹, sendo, assim, apropriada pela Arquivística, sob a denominação de “Tipologia Documental” ou “Diplomática Arquivística”, para aplicação em conjuntos orgânicos de documentos.

Os anos 90 apresentaram-se como um efetivo *turning point* para os horizontes da Diplomática, que pôde ser revisitada, quando Luciana Duranti (1996) se propôs a identificar “novos usos para uma antiga ciência”. A referida autora que, no caso brasileiro, encontrou bases dialógicas com Heloísa Bellotto, teve seu trabalho investigativo especificamente voltado para a construção de bases epistemológicas para a Diplomática, seja pela melhor delimitação de seu objeto (o documento) seja pelo estabelecimento de um método, de forma a identificar elementos extrínsecos e intrínsecos nesse objeto chegando-se àquilo que Guimarães (1998) denomina como trilogia diplomática – a estrutura, a função e o uso documental. Nesse âmbito, especial destaque merecem as investigações de Duranti no Projeto INTERPARES, desenvolvido na University of British Columbia, no Canadá, quando os princípios e o método diplomáticos foram aplicados ao documento digital (principalmente aquele gerado digitalmente) de modo a investigar seu valor probatório.

Se, por um lado, a questão do documento como objeto de estudo encontrou espaço de desenvolvimento na Diplomática, mais especificamente no âmbito arquivístico, por outro lado, a ambiência das bibliotecas especializadas, voltadas para o apoio à pesquisa científica forneceu terreno fértil, a partir do final do século XIX, para que a denominada Documentação se construísse, tendo igualmente no documento o seu objeto de estudo.

A Documentação, enquanto área de estudos, teve sua origem em um contexto de final de século XIX e início de século XX, no âmbito da denominada segunda revolução industrial, em que o mundo vivia um efetivo crescimento da produção científica. Sua concepção se deve principalmente à figura do belga de Paul Otlet, considerado o *pai da Documentação* que, ao mover esforços para a criação do *Repertório Bibliográfico Universal* (RBI), fundou, em Bruxelas, o Instituto Internacional de Bibliografia (posteriormente FID e hoje abrigado pelo Institut Mundaneum, em Mons). De modo a propiciar a organização temática – e, conseqüentemente, a recuperação da informação do RBI, Otlet, juntamente com o político Henri la Fontaine, criou a Classificação Decimal Universal, que inovou pela possibilidade de coordenação e síntese de assuntos².

-
- 1 Entende-se aqui como entidade geradora/acumuladora aquela que produz e/ou acumula ou recebe documentos gerados no decorrer de uma atividade.
 - 2 É importante destacar, ainda, o papel fundamental desempenhado por Fritz Donker Duyvis, colaborador diretor e sucessor do trabalho de Otlet, notadamente em aspectos relativos à administração científica, à padronização e ao controle bibliográfico.

Como marco teórico das idéias de Otlet, o *Traité de Documentation*, de 1934, introduziu formalmente o termo Documentação no universo das ciências e pautou-se, portanto, pela introdução de uma nova terminologia, pela preconização de novas estruturas formais de comunicação e de novas ferramentas e técnicas de tratamento e recuperação da informação. Como destaca Rayward (1997), a referida obra introduziu princípios inovadores de armazenamento e recuperação da informação no contexto das práticas de comunicação e de conhecimento de sua época.

Dentre as idéias de Otlet, expressas em seu *Traité ...*, destacam-se: a organização do conhecimento³ enquanto reflexo da estrutura das ciências (materializada na CDU) servindo à organização de um catálogo universal de todo o conhecimento, a partir da desestruturação do documento a partir de seus elementos de conteúdo e da possibilidade de múltiplo acesso à informação (por meio de um sistema de fichas soltas sistematicamente organizadas).

As idéias de Otlet encontraram reflexo e foram objeto de desenvolvimento por parte de Suzanne Briet, na França e de Michael Buckland, nos Estados Unidos.

Suzanne Briet, em seu livro *Qu'est-ce que la documentation?*, de 1951, preocupou-se com a delimitação conceitual de documento enquanto evidência concreta ou simbólica, registrada e conservada, visando a representar, reconstruir ou provar um fenômeno físico ou intelectual. Para a autora, o documento pressupõe delimitação espacial e temporal, caráter permanente na medida em que conserva um conteúdo e inteligibilidade. Com isso, a autora distingue fenômenos, objetos e criaturas (como uma estrela no céu, uma pedra no rio ou um animal na selva) de documentos propriamente ditos (tais como uma foto da estrela, a pedra no museu e o animal do jardim zoológico).

Michael Buckland (1997), por sua vez, explicou e sistematizou essa concepção de documento ao reconhecer no documento três pressupostos fundamentais: a materialidade (decorrente do registro), a intencionalidade (que lhe conferirá valor evidencial ou probatório em diferentes níveis) e o tratamento (com forma de garantir sua inteligibilidade e sua socialização).

Assim, e valendo-se das idéias de Schermeyer (1935), o registro é visto, pelo autor, como “base material de extensão de um conhecimento que se encontra disponível para fins de estudo ou de comparação” (apud BUCKLAND, 1997), ao passo que o valor probatório e a necessidade de tratamento se explicam na medida em que “[...] é a qualidade de estar situado em uma relação organizada e significativa, juntamente com outras provas, que confere ao objeto o estatuto de documento.” (BUCKLAND, 1997).

3 Vale ressaltar a distinção *otletiana* entre Documentação (como organização de fontes do conhecimento) e Bibliografia (relativa às tecnologias para a produção informacional).

Desse modo, observa-se que, no decorrer de séculos, a sociedade pôde presenciar o desenvolvimento de fazeres arquivísticos e biblioteconômicos, norteados por uma dimensão pragmática que desse conta de estoques documentais específicos.

No entanto, notadamente a partir da segunda guerra mundial, com o avanço científico e tecnológico e, por decorrência, o aumento da produção científica e tecnológica, assumiu-se de forma clara a imprescindibilidade dos registros (*records*) para a ciência, buscando a contribuição tecnológica para o acesso a tais registros. Nesse contexto, a informação passa a ser assumida como uma preocupação (a ser encarada), de modo que sua produção, acesso, organização, disponibilização e uso pudessem ser analisados a partir de parâmetros defensáveis.

Desse modo, em seu artigo *As we may think*, de 1945, Vannevar Bush defende a necessidade de memórias auxiliares que possam permitir a constante extensão, armazenamento e consulta de um registro de informação, de modo a garantir que o mesmo possa ser efetivamente útil à ciência. Exemplo disso reside no MEMEX, idealizado por Vannevar Bush enquanto um “sistema de informação pessoal imaginário, desenhado para um sofisticado leitor de microfílm e com mais funcionalidade que qualquer outro leitor até então construído” (BUCKLAND, 1992).

A partir da segunda metade do século XX, ganha terreno a denominada Ciência da Informação enquanto área de estudos que, segundo Borko (1968, p. 2), “busca investigar as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios para processá-la de forma a garantir seu acesso e uso”. Para tanto, destaca o autor que o corpo de conhecimentos a ela inerente refere-se a aspectos de organização, coleção, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação.

No entanto, para que se fizesse frente a tão amplo espectro de processos, necessário se tornou o recurso a referenciais teóricos e metodológicos de áreas distintas, que pudessem contribuir para a construção de tais parâmetros. Emerge, assim, a dimensão interdisciplinar da área, uma vez que passa a buscar, em áreas como Matemática, Lógica, Linguística, Semiótica, Cibernética, Comunicação, Psicologia, Engenharia de sistemas, Ciência da Computação, Ciência cognitiva, Psicologia, Eletrônica, Economia, Administração, Biblioteconomia e outras (DEFINING..., 1988; PINHEIRO, 1999, p. 165)⁴,

Information science brings together and uses the theories, principles, techniques and technologies of a variety of disciplines toward the solution of information problems. Among the disciplines brought together in this amalgam called information science are. They are brought to

4 Como ressalta Pinheiro (1999, p. 175) o recurso a áreas outras que pudessem contribuir com seus *conceitos, princípios, técnicas, métodos e teorias* para que a Ciência da Informação desse conta de seu objeto: a informação.

bear in solving the problems associated with information -- its generation, organization, representation, processing, distribution, communication and use. (DEFINING ..., 1988).

E é exatamente nesse marco interdisciplinar que a Ciência da Informação encontra na informação o seu objeto. No entanto, a informação, abstrata por definição, constitui elemento presente em todas as ciências, razão pela qual sua natureza de objeto da Ciência da Informação necessita ser melhor delimitada pois, como recordam Smit e Barreto (2002, p. 10):

a área do conhecimento da Ciência da Informação padece de fragilidades à medida que tem dificuldade para definir seu objeto (a ‘informação’) e convive, no estágio atual, com uma diversidade de definições acerca de seus objetivos e demarcações disciplinares.

Nesse sentido, os referidos autores definem a informação que é objeto da Ciência da Informação como:

[...] estruturas simbolicamente significantes, codificadas de forma socialmente decodificável e registradas (para garantir permanência no tempo e portabilidade no espaço) e que apresentam a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e para seu meio. Essas estruturas significantes são estocadas em função de um uso futuro, causando a institucionalização da informação. (SMIT; BARRETO, 2002, p. 22-23).

Os referidos autores, ao buscarem isolar o objeto da Ciência da Informação – a informação – nele identificam importantes traços descritivos, quais sejam:

- a capacidade de fazer sentido por meio de símbolos ou códigos;
- a possibilidade de tais códigos serem socialmente decodificáveis, garantindo a inteligibilidade do conteúdo;
- a competência de tal conteúdo para gerar conhecimento individual ou coletivo; e
- a necessidade de um processo de organização e armazenagem institucional visando a um uso futuro.

Esses traços distintivos apontados por Smit e Barreto guardam consonância com as idéias de Michael Buckland, para quem a informação pode ser abordada em uma tríplice categorização, como processo, como conhecimento ou como coisa (BUCKLAND, 1991), sendo esta última considerada pelo autor como a única forma passível de ser lida-

da no contexto de sistemas e unidades de informação, na medida em que se faz necessária a existência de uma evidência materializada por meio de dados, textos e objetos.

Nesse sentido, Buckland resgata a idéia de documento preconizada por Paul Otlet no início do século XX como designativo de um gênero de *coisas informativas*, pautada por alguma forma de materialidade, ou seja, de registro. Igualmente Le Coadic (1996) reconhece no caráter inscrito, registrado, uma peculiaridade caracterizadora da informação enquanto objeto da Ciência da Informação.

Barreto (2002, p. 23), por sua vez, alerta para o fato de que essa informação assume, na Ciência da Informação, um caráter dinâmico, sobre ela incidindo um conjunto de *processos*, notadamente os de produção, organização e distribuição, bem como nos fluxos a eles inerentes.

Poder-se-ia, assim arriscar algumas balizas que caracterizam a disciplinaridade da Ciência da Informação enquanto tal:

- O objeto: informação registrada
- O objetivo: geração de conhecimento
- Os processos: geração, organização e uso
- Os produtos: *informação documentária*⁵
- Os instrumentos

Assim, na informação registrada, enquanto objeto, tem-se o conteúdo e a materialização desse conteúdo para que se atinja o objetivo de gerar conhecimento, por meio do estabelecimento de pontes (ou mediações) entre um conhecimento registrado, socializado, coletivo que, uma vez apropriado, contribui matéria-prima para a geração de um novo conhecimento. Para tanto, o foco da área recai sobre o *iter* que se estabelece entre o momento em que uma informação registrada é concebida e criada e o momento final em que ela é utilizada, apropriada. Para tanto, a área se vale, no desenvolvimento de seus processos, de um conjunto de instrumentos sistematizados para permitir que aquilo que foi produzido possa ser utilizado, gerando, para tanto, um conjunto de produtos, que possam servir de apoios ao processo de mediação e uso da informação.

Esse contexto, por sua vez, encontra materialidade, efetivo espaço de aplicação, em fazeres específicos, levados a cabo por profissionais da informação, termo designativo de um amplo espectro de fazeres profissionais que têm por objeto a informação. Melhor contextualizando, a partir da concepção de Barreto (2002) acima exposta, ter-se

5 Trabalha-se aqui com a concepção de informação documentária defendida por KOBASHI (1994) e demais pesquisadores do grupo TEMMA enquanto aquela que se materializa e decorre dos processos que se aplicam à informação no contexto da Ciência da Informação, constituindo uma meta-informação.

ia um gênero de profissionais (tais como arquivistas, bibliotecários e tantos outros) que têm por objeto de seu fazer o desenvolvimento dos processos de produção, organização e distribuição da informação registrada para fins de geração de conhecimento.

Desse modo, reconhece-se uma relação orgânica entre o saber da Ciência da Informação, caracterizador de uma base conceitual específica, e os fazeres que se materializam nas distintas atividades profissionais da área de informação: os primeiros, aqueles norteando teórica e metodologicamente os segundos (e oferecendo elementos para explicar seus fenômenos) e, em sentido oposto, os fazeres profissionais oferecendo espaço de experimentação e de efetivação social dos saberes científicos da área. Em outras palavras, pode-se dizer que a Ciência da Informação nutre, teórica e metodologicamente, os fazeres arquivístico e bibliotecário enquanto a Arquivologia e a Biblioteconomia atuam como campos de aplicação e de validação das teorias e metodologias oriundas da Ciência da Informação.

Essa proximidade entre a Arquivologia e a Biblioteconomia já foi apontada por autores como Homulos (1990) e Smit (1993)⁶ e se sustenta a partir de dois elementos históricos comuns:

- a. a tradição histórica da prática precedendo a teoria (Arquivo / Arquivista / Arquivologia; Biblioteca / Bibliotecário / Biblioteconomia): ambas as áreas construíram sua base teórica a partir de reflexões sobre práticas reiteradas, mormente em se considerando o fato de ambas serem áreas de natureza eminentemente profissional e de cunho fortemente social;
- b. a ambiência atua como elementos balizador dos fazeres e da aplicação de saberes em ambas as áreas. Desse modo, o fato de ser Arquivo ou Biblioteca, enquanto ambiência informacional, influencia significativamente nos procedimentos a serem adotados, na medida em que pressupõe que se atinjam objetivos com especificidades distintas (a prova documental e a preservação da memória, no primeiro e o apoio à pesquisa e ao lazer, no segundo).

6 Homulos (1990) defende que a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia desenvolvem-se ao redor daquilo que ele denomina de *instituições coletoras de cultura* e Smit (1993), defendendo a mesma idéia, vai além ao referir-se a elementos históricos comuns entre as três áreas de tal modo a metaforicamente denominar a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia de *As três Marias*. Essas concepções vão ao encontro daquilo que Borko (1968), Abbott (1988), Defining ... (1988), Mason (1990), Buckland (1992), Smit (1993), Smit e Barreto (2002) denominam como universo das profissões – e, por decorrência, dos profissionais – da informação.

Se, por um lado, a história de ambas as áreas nos leva a elementos comuns, há de se reconhecer os traços distintivos das mesmas, inclusive para que se tenha argumentos para defender a sua complementaridade e a sua possibilidade de ação em moldes colaborativos. Desse modo apresenta-se, a seguir, uma categorização de traços distintivos entre arquivos e bibliotecas a partir de quatro dimensões: a natureza do documento, a função da instituição, a organização da informação e o critério de formação da coleção.

	Arquivo	Biblioteca
O documento	autêntico único	múltiplo
A função	Principal: probatória Secundária: investigativa	Principal: investigativa Secundária: probatória
A organização da informação (critério)	proveniência organicidade	uso especificidade temática
A formação da coleção	por acumulação natural	por seleção

Quadro 1: Arquivos e bibliotecas: traços distintivos

A vista de tais aspectos, pode-se, assim defender a complementaridade das lógicas adotadas pela Arquivologia e pela Biblioteconomia, ambas abraçadas pelo espectro da Ciência da Informação. Assim, e considerando que a Ciência da Informação dedica-se ao estudo dos processos de **produção, organização e uso** da informação, observa-se que a Arquivologia organiza prioritariamente para refletir (testemunhar) a produção enquanto a Biblioteconomia organiza prioritariamente para propiciar o uso.

Desse modo, pode-se dizer que, no conceito de *informação arquivística* tem-se a articulação de um conteúdo em um dado suporte como **testemunho da atividade** de uma dada instituição (o elemento contextual integra seu conceito) enquanto na *informação bibliotecária* tem-se a articulação de um conteúdo em um dado suporte como **subsídio à pesquisa e ao lazer** (o elemento temático integra seu conceito).

Isso permite observar que o conceito de conteúdo informacional em ambas as áreas difere substancialmente, na medida em que, na Arquivologia, esse se encontra na definição do órgão produtor e na espécie e tipologia documental (que, por sua vez, refletem funções e atividades desses órgãos) ao passo que, na Biblioteconomia, ele se encontra na definição do tema ou assunto do documento.

Por fim⁷, e trazendo a questão para o âmbito da formação de profissionais, acredita-se na necessidade de, especificamente no âmbito da Arquivologia e da Biblioteconomia, propiciar uma formação que permita ao bacharel em ambas as áreas atuar como um efetivo profissional de informação, a partir de uma abordagem abrangente da informação em que distintas ambiências levam à adoção de procedimentos distintos, porém complementares. Isso permite a formação de profissionais da informação que, a partir de uma base teórico-metodológica da Ciência da Informação possam, cada qual dentro e suas especificidades de área⁸, dar conta de fazeres específicos (da Arquivologia ou da Biblioteconomia).

A título de exemplo, a experiência do Departamento de Ciência da Informação da Unesp, que hoje abriga os cursos de graduação em Arquivologia e em Biblioteconomia tem sido gratificante, na medida em que propicia, em termos curriculares, uma base comum a partir do qual cada um dos cursos desenvolve seu tronco específico, tendo como o pressuposto que o reconhecimento das disciplinaridades próprias de cada área oferece uma bagagem específica ao futuro profissional, de modo a propiciar-lhe um determinado exercício profissional.

Para tanto, alguns elementos vem permeando a filosofia educacional do departamento, na qual se destacam, dentre outros, o convívio diário com tecnologias de informação enquanto ferramentas para toda e qualquer área de atuação profissional; a necessidade de uma visão e atuação gerencial e investigativa na área de informação; a abordagem dos suportes de informação como um todo, desvencilhando-se da idéia de informação unicamente bibliográfica; a preocupação (e postura) interdisciplinar, na qual aportes teórico-metodológicos de distintas áreas de interface concorrem para o desenvolvimento das atividades do profissional da informação e o estágio como um espaço de vivência profissional,

7 A temática ora abordada é complexa e instigante, e vem se construindo, na literatura internacional e nacional a partir de um conjunto de autores que assinalamos como elementos para a construção dos marcos teóricos da mesmas: Paul OTLET, Suzanne BRIET, Vannevar BUSH, Jesse W. SHERA, Harold BORKO, Bernd FROHMANN, Blaise CRONIN, Ronald DAY, Tefko SARACEVIC, Michael BUCKLAND, Gernot WERSIG, Yves-François LE COADIC, Rafael CAPURRO, Birger HJORLAND, Peter INGWERSEN, W. Boyd RAYWARD; Aldo de Albuquerque BARRETO, Maria Néliida GONZALEZ DE GÓMEZ, Lena Vânia Ribeiro PINHEIRO, Johanna W. SMIT, Ísis PAIM, Geni Chaves FERNANDES, Marlene de OLIVEIRA, José Maria JARDIM, Luís Carlos LOPES, Maria de Fátima G. M. TÁLAMO.

8 Nesse sentido, observa-se uma dupla mão, na medida em que aportes teóricos específicos de uma determinada área vem contribuindo para o aperfeiçoamento da outra e vice-versa. Exemplo disso é a utilização do método diplomático em Análise Documentária ou o conceito de Fundo para o Desenvolvimento de Coleções, na Biblioteconomia, e as questões relativas a controle de vocabulário, disseminação da informação e estudos de usuários e de comunidades, na Arquivologia.

na qual o educando tem a oportunidade de aplicar os conteúdos e posturas profissionais em situações concretas. (BERTACHINI; GUIMARÃES; VIDOTTI, 1994).

Referências

- ABBOTT, A. **The system of professions: an essay on the division of expert labor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- BARRETO, A. de A. O tempo e o espaço da ciência da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 17-24, jan./jun. 2002.
- BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- BERTACHINI, M. L.; GUIMARÃES, J. A. C.; VIDOTTI, S. A. B. G. **Anteprojeto de reformulação curricular do curso de Biblioteconomia da UNESP**. Marília: FFC, UNESP, 1994.
- BORKO, H. Information Science: what is it? **American Documentation**, p. 3-5, Jan. 1968.
- BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: EDIT, 1951.
- BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.
- BUCKLAND, M. Emanuel Goldberg, electronic document retrieval, and Vannevar Bush's Memex. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 43, n. 4, p. 284-294, May 1992. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/goldebush.html>>. Acesso em: maio 2007.
- BUCKLAND, M. What is a "document"? **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, n. 9, p. 804-809, Sept. 1997. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>>. Acesso em: maio 2007.
- BUSH, V. As we may think. **Atlantic Monthly**, v. 176, 1, p.101-108, 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>>. Acesso em: abr. 2007.
- DEFINING Information Science and the role of ASIS. **Bulletin of the American Society for Information Science**, v. 14, n. 2, p.17-18, 1988.

DURANTI, L. **Diplomática: nuevos usos para uma antiga ciencia**. Carmona: S&C, 1996.

GUIMARÃES, J. A. C. O caráter instrumental da Diplomática para tratamento temático de documentos na área jurídica. **Cadernos da F.F.C.**, Marília, v. 7, n. 1/2, p. 97-106, 1998.

HOMULOS, P. Museum to libraries: a family of collecting institutions. **Art Libraries Journal**, v. 15, n. 1, p. 11-13, 1990.

KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia**. 1994. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MABILLON, J. **De re diplomatica**. Paris: Louis Billaire, 1681.

MASON, R. C. T. What is an information professional? **Journal of Education for Library and Information Science**, v. 31, n. 2, p. 122-138, 1990.

OTLET, Paul. **Traite de documentation: lê livre sur lê livre: theorie et pratique**. Bruxelles: Palais Mondial, 1934.

PINHEIRO, L. V. R. Campo interdisciplinar da ciência da informação: fronteiras remotas e recentes. In: _____. (Org.). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p.155-182.

RAYWARD, W. B. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/ International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, n. 4, p. 289-300, 1997.

SMIT, J. W. O documento audiovisual ou a proximidade entre as três Marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 81-85, 1993.

SMIT, J. W.; BARRETO, A. de A. Ciência da informação: base conceitual para a formação profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.

